

Crimes enfraqueceram a ação do Estado

Ex-deputado recupera a influência na área de saúde em Nova Iguaçu

• Qualquer que tenha sido a motivação dos criminosos, os atentados contra Ricardo Pilotto e José Madrid tiveram um efeito visível: forçaram a saída dos médicos ligados à Secretaria estadual de Saúde que articularam a reabertura do Hospital da Posse e devolveram a hegemonia política ao grupo ligado ao ex-deputado federal Fábio Raunheitti, dono da Universidade de Nova Iguaçu (Unig). Cassado pela CPI da máfia do orçamento em 1993, Raunheitti é peça-chave na rede de interesses que envolve a área da saúde em Nova Iguaçu.

Administrado em conjunto pelo Ministério da Saúde e pela Secretaria estadual de Saúde, o Hospital da Posse é o único de grande porte da Baixada Fluminense, onde predominam clínicas privadas conveniadas ao SUS. O hospital esteve fechado de junho de 93 a outubro de 95 e foi reaberto através da contratação de uma cooperativa, a CoopSaúde, formada por médicos ligados a Pilotto.

Com o sucesso da Posse, esse mesmo grupo, apoiado pelo ex-subsecretário de Saúde Walter Mendes, criou a Fundação de Apoio à Saúde da Baixada Fluminense (Fasb), que pretendia transformar o hospital num centro de desenvolvimento de políticas de saúde para a região. Os atentados forçaram a saída do grupo — num episódio que, guardadas as devidas proporções, lembra a fuga em massa de médicos, no início da década, que acabou resultando no fechamento do hospital.

Além de atrair pacientes que

antes dependiam exclusivamente da rede conveniada ao SUS, a reabertura do hospital tornou visível, em poucas semanas, o desvio de recursos repassados para tratamento ambulatorial em Nova Iguaçu. Em maio de 1996, uma blitz feita por 18 auditores da Secretaria estadual de Saúde revelou que a Prefeitura cobrava até por consultas feitas em seis postos que estavam fechados e em um posto que só existia no papel: no seu endereço havia apenas um terreno baldio.

Prefeitura foi obrigada a devolver o que cobrou a mais

Descoberta a fraude, o estado interveio na Secretaria municipal de Saúde de Nova Iguaçu. Durante quatro meses, as faturas enviadas pelos prestadores de serviços foram submetidas a uma malha fina. A Prefeitura foi obrigada a devolver R\$ 60 mil ao SUS. A intervenção provocou uma queda no faturamento dos hospitais e postos de saúde — mas não por muito tempo.

De acordo com dados do Departamento de Informática do SUS (Datasus), o valor gasto com atendimento ambulatorial em Nova Iguaçu caiu de R\$ 17 milhões, em 1995, para R\$ 14 milhões em 1996, quando houve a intervenção. Isso significou uma redução de 17,6% no faturamento das clínicas conveniadas e postos de saúde do município. Ano passado, porém, esse gasto voltou a subir, totalizando R\$ 16,6 milhões. Nesses três anos, a participação no bolo do Hospital Universitário da Unig dobrou, passando de R\$ 1

milhão, em 95 e 96, para R\$ 2,2 milhões em 97 — apenas em atendimento ambulatorial.

O Hospital Universitário já se chamou Hospital Escola São José e, como tal, foi acusado pela Procuradoria da República de fraudar o SUS, cobrando 13.459 interações fantasmas em 91. Raunheitti foi obrigado a devolver aos cofres públicos o equivalente a US\$ 800 mil. Ano passado, o Hospital da Unig recebeu do SUS R\$ 4,7 milhões — só perdendo em faturamento, no município de Nova Iguaçu, para o Hospital de Clínicas Infantil, que obteve R\$ 4,8 milhões.

Apesar da cassação, Raunheitti manteve inalterado o poder de nomear apadrinhados para cargos-chave na administração pública. Em 1993, em meio ao fogo cerrado da CPI do orçamento, emplacou o nome de José Augusto Ferreira da Silva Ramos, casado com uma sobrinha sua, para um cargo na Secretaria estadual de Saúde. José Augusto acabou sendo multado pelo TCE por fraudes na gestão do secretário Astor de Mello, quando era superintendente de Administração.

A eleição de Nelson Bornier para a Prefeitura de Nova Iguaçu deu mais poder a Raunheitti. De uma só tacada, o ex-deputado indicou quatro secretários municipais, inclusive o de Saúde, José Roberto Pinto Barbosa. Bornier, que se elegeu com apoio de Marcello Alencar, rompeu com o governador, aliando-se ao PFL. Procurado pela reportagem de O GLOBO, o ex-deputado não retornou as ligações. ■